

## BREVE ENSAIO INACABADO EM ALGUNS TEMAS NIETZSCHEANOS

**Aluno: Marlon Miguel**  
**Orientador: Katia Miricy**

### **Introdução**

Seguido de um estudo vasto da obra de Nietzsche, procuramos relacionar temas de diferentes obras do filósofo. Partimos do livro *O Nascimento da Tragédia* [1], de 1873, para passar por alguns dos temas mais caros a Nietzsche. Esta obra é fortemente marcada por Schopenhauer e seu conceito de “Vontade”. Nietzsche, porém, já se distancia aí de seu inspirador para desenvolver a noção de “potência”. A vontade nietzscheana aparece não como uma essência (ou substância), mas como um grau de atividade inerente ao corpo. Ela não é de ordem nem geral (pois não é a *mesma* para todas as criaturas vivas) nem individual (pois não é um átomo indestrutível, eterno e inalterável), mas uma série de forças em um devir contínuo e incessante, sempre se alterando. Dizer que o mundo é vontade de potência significa simplesmente dizer que cada coisa singular possui uma potência que a move – e isso é tudo. O aforismo 36 de *Além do Bem e do Mal* [2] é especialmente interessante para essa questão.

O sujeito nietzscheano será, portanto, o corpo vivo sempre se constituindo, podendo-se afirmar até que é relativo ao mundo, à vida. No terceiro capítulo da *Segunda Consideração Intempestiva* [3], vemos a vida ser definida como “aquele poder obscuro, impulsionador, inesgotável que deseja a si mesmo”. Toda vida, portanto, tende à dominação para se estabelecer – a potência que move todos os corpos é essa necessidade de apropriação. Se o mundo é dotado de forças construtivas e criativas, o indivíduo é dotado da possibilidade de criar e esquecer. Cabe, portanto, a esse sujeito em permanente constituição compreender a Natureza em que se insere e conjugar tais forças e possibilidades da forma a mais ativa possível.

Nesse mundo de forças em luta constante, duas são identificadas como as principais e desenvolvidas exaustivamente no *Nascimento da Tragédia*. São elas: o *apolíneo* – organizador da vida, criando os conceitos, a razão, categorias, em resumo, todas as metáforas – e o *dionisíaco* – sinal do caos, da desmesura, da irracionalidade, da embriaguez, do sem forma. A própria constituição do mundo humano é esse choque entre a civilização, ou seja, a vontade (necessidade, instinto) de organizar o mundo, de um lado, e o puro regime da passionalidade, por outro – este lado, entretanto, é o próprio impulsionador do primeiro. Obviamente essa divisão não é real, mas exprime essa característica partida do homem – ou, na bela expressão que Nietzsche cunha no último parágrafo do *Nascimento da Tragédia*, o homem é uma “dissonância encarnada”.

### **Objetivos**

Estudar o pensamento de Nietzsche a partir da leitura dos próprios textos do filósofo, bem como possibilitar a relação com outros pensadores. A partir daí desenvolver a temática da subjetividade e seus desdobramentos.

### **Metodologia**

Foi utilizada grande parte da obra escrita por Nietzsche – desde seus escritos de Juventudes até os fragmentos publicados postumamente – para a presente pesquisa. A divisão usual da obra do filósofo em três fases (uma jovem, da “metafísica de artista” ou “pessimismo

romântico”, outra “cética” ou “positivista cética” e uma terceira de “reconstrução”) foi devidamente ignorada, visto que intercalamos textos dessas diferentes fases valorizando-os da mesma forma. Partimos do princípio, portanto, que não há uma ascendência ao longo da obra de Nietzsche e que, mesmo em seus livros de juventude, já se podia encontrar o cerne de seu pensamento.

### Conclusões

É preciso compreender que há uma certa circularidade no mundo: o Dionísio em pedaços quer voltar a se juntar (criação) para, em seguida, voltar a se desfazer (esquecimento), para se juntar novamente (outra criação, ruptura, *limite*). E a vontade afirmada, é retorno à sua potência – sempre criadora. O Dionísio em pedaços apresenta a verdade desfacelada. Por mais que a montemos nunca a teremos perfeita e acabada. Sua montagem é momentânea, marcada por um relampejar – o despedaçamento é sua consequência *necessária*. Mas a esperança de seu ressurgimento não é niilista porque entende seu retorno como eterno: redimir a vida de sua falta de sentido. A tarefa da arte, é inesgotável e a esperança se torna sempre *porvir*: ela não é espera, somente ação transformadora. Totalmente diferente, portanto, da espera cristã pela Cidade de Deus, pelo fim dos tempos que, de uma maneira ou de outra, sempre chegará. A vida, aqui, esse fenômeno mutante, é sempre *promessa*.

Compreendido isso, é possível dar ao indivíduo a possibilidade de interferir nesse mundo e usufruir dele da melhor maneira possível. Todo esforço de Nietzsche consiste, portanto, em tornar criativo o homem carregado pela tradição, torná-lo, uma vez mais, criança [4].

### Referências

- 1 - NIETZSCHE, FRIEDRICH. **O Nascimento da Tragédia**. Ou Helenismo e Pessimismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- 2 - NIETZSCHE, FRIEDRICH. **Além do Bem e do Mal**. Prelúdio a uma Filosofia do Futuro. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- 3 - NIETZSCHE, FRIEDRICH. **Segunda Consideração Intempestiva**. Da utilidade e desvantagem da história para a vida. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- 4 - NIETZSCHE, FRIEDRICH. **Assim Falou Zaratustra**. Um livro para todos e para ninguém. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.